

Psicodrama e Imagens Simbólicas: Expressividade da Comunicação Interrelacional em Tempos de Pandemia

SILVA, Maria do Carmo Colturato (2022) – Supervisora Didata Socioeducacional - Atua no desenvolvimento de lideranças, obtenção de propósitos, levanta e treina competências. Facilita treinamentos aulas e supervisão na metodologia psicodramática. carmenpsicod@yahoo.com.br

Relato de Experiencia Virtual

Resumo

O trabalho realizado tem como foco a expressividade do comunicador que faz a intermediação interrelacional dos papéis. Considera o momento de pandemia mundial (2020-2022), a prática dos trabalhos em ambiente virtual utilizando imagens simbólicas como recurso, para liberar a espontaneidade com o método psicodramático nas etapas de aquecimento e o psicodrama interno nas dramatizações, promovendo a vivência de uma realidade suplementar no aqui-e-agora; e, a possibilidade do ressoar da boa comunicação reconhecida em papéis amplamente desenvolvidos, nos que estejam em formação ou revelem conflitos.

Palavras-Chave: Espontaneidade. Psicodrama Interno. Imagens Simbólicas. Pandemia. Realidade Suplementar.

Abstract

The work carried out focuses on the expressiveness of the communicator who performs the interrelational intermediation of roles. It considers the moment of the world pandemic (2020-2022), the practice of works in a virtual environment using symbolic images as a resource, to release spontaneity with the psychodramatic method in the warm-up stages and the internal psychodrama in the dramatizations, promoting the experience of a reality supplementary in the here-and-now; and, the possibility of good communication resonating recognized in widely developed roles, in those that are in formation or reveal conflicts.

Keywords: Spontaneity. Internal Psychodrama. Symbolic Images. Pandemic. Supplementary Reality.

Introdução

Estamos em 2022 vivendo há dois anos singular momento da humanidade, pandemia por CORONAVIRUS, que já ocasionou milhões de mortes mundialmente e tem além dos mais diversos efeitos físicos e emocionais, refletido no interrelacional por demandar isolamento social, medida que busca elidir sua propagação.

Em virtude do isolamento, novas formas de funcionamento foram adotadas em quase todos os segmentos de atividade, pessoal e profissional (Meet, Zoom, Lives, salas de espera virtuais, aulas treinamentos e demais trabalhos em home office). A demanda de atendimento pelo recurso virtual se estendeu aos consultórios médicos, às escolas (em aparelhamento para esse novo momento), mas também aos atendimentos virtuais demandantes de treinamentos que eram usualmente presencias.

Pela forma como a comunicação (ato ou efeito de comunicar, de expressar-se, capacidade de transmitir mensagens, sentimentos, ideias, etc.) é utilizada no desempenho de um papel, pessoal ou profissional, há reflexos nas interações humanas, no ambiente e impacto no clima tanto relacional, doméstico, social e organizacional, definindo sua preponderante importância. Espera-se, portanto, que todas as portas de nossos cinco sentidos físicos e percepções decorrentes, estejam totalmente abertas para essa nova realidade, para que não fiquemos a margem da empregabilidade, do conhecimento, do autoconhecimento, assistência à saúde física e mental; entre outros aspectos cuja diversidade o momento abarca e se reflete na importância da comunicação ampliada consideravelmente.

Nós psicodramatistas somos privilegiados quanto a esse novo momento, pois podemos dentro dos métodos, técnicas e recursos da metodologia criada por Jacob Levy Moreno (1889-1974) promover evolução, produtividade, em meio dessa adversidade pandêmica com novas formas de expressividade.

A metodologia psicodramática é completa, envolve corpo mente e ação. Nesse momento pandêmico foi mais uma vez desafiada e respondeu de forma positiva e plena. Exemplificamos com a prática e conclusão deste trabalho, efetuado em âmbito virtual, utilizando o método Psicodrama, suas etapas e técnicas e ainda, utilizando o nível de realização psicodramático simbólico, com imagens definidas pelo protagonista (associadas a seus papéis conflitivos e respectivos complementares).

O protagonista é desafiado a responder, com um certo grau de adequação, a uma nova situação ou, com uma certa medida de novidade, a uma antiga situação [...] a fim de mobilizá-las e dar-lhes forma, necessitam de um transformador e catalizador, uma espécie de inteligência que opera aqui e agora, *hic et nunc*, a espontaneidade... opera não só na dimensão das palavras, mas em todas as outras formas de expressão, como a atuação, a interação, a fala, a dança, o canto e o desenho.¹

Contextualizado o atual momento se trará exemplo na prática com o método psicodramático realizado para atender um professor com mais de trinta anos de atuação profissional, em fase de mudança de vida e carreira com dificuldade identificada na comunicação, autopressionado pela próxima assunção do papel de terapeuta por estar se formando em Psicologia e também com manifesta dificuldade na expansão de sua rede de relações, seu átomo social (configuração dos papéis exercidos), em que pese a tomada de novos papéis no palco da existência.

Objetivo Geral e Específico

Estimular a utilização do recurso das imagens aos psicodramatistas que seguem conosco na missão de promover evolução, *grounding* aos indivíduos e aos grupos com que interagem em diversos segmentos: Saúde, Educação, Empresas, Instituições etc. E, em específico (experiência virtual que compõe este relato) alavancar a criatividade necessária do protagonista (professor), por meio de formas de desempenho estruturadas na adequação e na espontaneidade utilizando imagens na função de ponte para transpor as dificuldades no percurso pessoal e profissional.

Metodologia

1. Imagens Simbólicas: Moreno e Maria Alicia Romãña

No atendimento psicodramático bipessoal o que une o diretor psicodramatista e o protagonista, tornando-os ao mesmo tempo únicos e complementares – para maior criatividade de respostas, se faz necessário preencher a ausência dos egos auxiliares com objetos intermediários, como colocado por Perazzo². E, podemos acrescentar:

¹ Moreno, Jacob Levy. (2006). Psicodrama (10ª. ed.). São Paulo: Ed. Cultrix, 36-37.

² Perazzo, Sergio. (2018) Artigo O mito da cadeira vazia. São Paulo: Rev. bras. psicodrama vol.26 no.1 jan./jun.

- a) imagens simbólicas são recursos que dão produtividade ao atendimento. Podem ser utilizadas de diversas formas: serem apresentadas pelo diretor psicodramatista e criadas ou escolhidas pelo protagonista;
- b) no Psicodrama, neste caso com um único protagonista, a ação por meio de um iniciador, a exemplo das imagens simbólicas, possibilitam o “readestramento” da espontaneidade estimulando o aumento da criatividade, possibilita segundo Moreno (2006, p. 160) sair dos estados de “conserva cultural”³ quando, pelo automatismo, se deixa de pensar sobre o que foi ou está sendo realizado no aqui-e-agora das ações e dramatizações;
- c) imagens foram utilizadas na etapa de aquecimento específico do protagonista facilitando sua saída da normose⁴ (patologia da normalidade) que gera as conservas ou as situações repetidas inadequadas de que nos fala Moreno impedindo de se ir além, ficando numa zona que favorece estagnação por inação, ausência de evolução no fazer, no agir;
- d) quando a escolha de imagens, acontece de forma livre (criativa e espontânea) e o Eu se projeta nas imagens que o protagonista elege e nas características que dá às imagens internas e suas representações possuem movimento, vida, plasticidade, a definição de suas características bem como sua interpretação, cabe unicamente a seu criador. Exemplo: pertencendo ao reino hominal não voamos no concreto sem o recurso de equipamentos apropriados; mas, em imagens de anjos, visualizações criativas, psicodrama interno e sonhos isso pode acontecer:

No esforço de interpretação das imagens fixas, acompanhadas ou não de textos, a leitura das mesmas se abre em leque para diferentes interpretações a partir daquilo que o receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, de sua situação econômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão porque as imagens sempre permitirão uma leitura plural.⁵ (Kossoy, B)

³ Assim como o evidente declínio da função criadora do homem, ao enfrentar os problemas de nosso tempo, nos obrigou a proceder a uma análise e reavaliação da conserva cultural, também nos vimos forçados a dirigir a nossa atenção para os fatores de espontaneidade e criatividade, de um novo ponto de vista. O problema consiste em substituir um sistema de valores desgastado e obsoleto, dentre as conservas culturais, por um novo sistema de valores mais adequado com as circunstâncias de nossa época: o complexo espontaneidade-criatividade tele e adequação.

⁴ Weil, Pierre. Leloup, Jean Yves & Crema, Roberto. (2014) Normose, a patologia da normalidade. Petrópolis: Vozes.

⁵ Kossoy, Boris. Fotografia & História. (2003) 2ª. Edição revista. São Paulo. Ateliê Editorial, 115.

Nosso cérebro límbico⁶ contém a memória das imagens obtidas desde o início de nossa existência, desde a fase pré-verbal. É um processador que guarda com o auxílio do sentido da visão desenhos, gravuras, livros e revistas e suas personagens também de cinema e teatro, heróis e vilões; o que nos impressiona do contato com a natureza e participando de rituais sociais religiosos etc.

Pela visão, dentre os cinco sentidos físicos, captamos 83% das informações de “como aprendemos”⁷ e é importante meio de explorar a percepção do ambiente, valioso recurso de aprendizagem, autopercepção, de escolhas que fazemos, auxiliando a definir o que nos faz ou não sentido.

Moreno afirma que o recurso de ativação das imagens auxilia no processo de aprender a ser espontâneo⁸ e temos assim uma indicação de caminho neutro que possibilita ver com os olhos do outro, um iniciador mental e subjetivo, para dar nascimento ao concreto, um fio de Ariadne na busca de novas saídas do labirinto de questionamentos pessoais e profissionais, a exemplo do comunicador que interage trocando de olhar com seu interlocutor nos papéis desempenhados. Acrescenta ainda que a espontaneidade⁹ é tal qual “luz que se acende em uma sala, e todos os contornos ficam claros, nítidos” ... Propicia, portanto, o reconhecimento de sombras ou dos pontos de atenção para que o desenvolvimento da percepção ocorra.

Garrido Martin (1996)¹⁰, aponta a metodologia moreniana, em sua antropologia, como possibilidade de saúde e de cura na dimensão relacional do indivíduo quando a espontaneidade é manifestada adequadamente. Caso contrário, se a espontaneidade adoece, também adoece a dimensão relacional, ocasionando inadequação de respostas pelo papel desempenhado.

A pedagoga Maria Alicia Romana¹¹ sistematizou metodologicamente as possibilidades de dramatização em três níveis: simbólico, de fantasia (imaginário) e real que expressam conteúdos intrapsíquicos e psicossociais do protagonista. Trabalhando com imagens nesta prática, a dramatização ocorre no nível de realização simbólica: sentimentos, expectativas

⁶ O termo límbico corresponde a um adjetivo que dá o valor de relativo ou pertencente ao limbo, ou seja, remete para o conceito de margem. O Sistema Límbico compreende todas as estruturas cerebrais que estejam relacionadas, principalmente, com comportamentos emocionais e sexuais, aprendizagem, memória, motivação, mas também com algumas respostas homeostáticas.

⁷ Lovelock, C; Wirtz, J & HEMZO. M. (2011) Marketing de Serviços. São Paulo: Pearson Education.

⁸ Moreno, Jacob Levy. (2006) Psicodrama (10ª. ed.). São Paulo: Ed. Cultrix, 365.

⁹ Moreno, Jacob Levy. Quem sobreviverá, Goiás: Dimensão Editora, vol. 2, 150-151.

¹⁰ Martín, Eugenio Garrido. (1996) Psicología do Encontro: J.L. Moreno. São Paulo: Àgora, 242.

¹¹ Dias, Alcione Ribeiro. (2019) Pedagogía psicodramática y educacion consciente – mapa de um acionar educativo Maria Alicia Romana, Campo Grande (MS): Associação Entre Nós.

sensações ou outros similares. No nível simbólico imagens corporais, gestos, objetos, gravuras etc. são usados para expressar ideias, conhecimento, sentimentos e ajudam o protagonista a agir.

Na Socionomia, ciência das relações humanas e seu método Psicodrama, Moreno dá o direito ao ser humano de estar investido de um “*plus* de realidade” ao transitar na vida, nas relações, nos mais diversos papéis e, chama de “certo montante de megalomania normal, levando em conta que cada um de nós busca sempre se apoderar de nossa verdade psicodramática e poética”¹².

A esse *plus* de realidade, com criatividade e imaginação, Perazzo (2016) coloca:

Por esta razão, primeiro, a realidade suplementar pode ser definida como um plano de atuação constante de nossa imaginação e fantasia, campo de atuação de nossa criatividade, inter cruzando constantemente o plano de nossa realidade cotidiana, modificando-o e tendo a espontaneidade como motor propulsor de nosso trânsito simultâneo entre os dois planos, na verdade, nunca paralelos. O que importa é a permeabilidade de trânsito de um plano para o outro.¹³

Isto posto, no intento da expressividade do comunicador protagonista atendido e na aquisição de seu autodomínio, o trabalho foi alicerçado na sua espontaneidade e na busca de saúde relacional no desempenho de seus papéis; utilizando imagens como recurso, a prática da realidade suplementar na dramatização e no psicodrama interno.

Ainda Moreno:

São é o indivíduo espontâneo-criativo, capaz de relações télicas, continuamente lançado no presente e podendo retomar e transformar suas formas de existir em relação a cada situação vivida; capaz de catalisar a imaginação com vista à transformação da realidade.¹⁴

2. O Encontro no Atendimento

Durante o trabalho psicodramático e num único encontro virtual, de aproximadamente duas horas devido a Pandemia, nas dramatizações, cujo foco foi trazido pelo protagonista, e concomitantemente acompanhadas pelo diretor psicodramatista, a ressonância no corpo e mente das ações por ele empreendidas individualmente, incluindo seus papéis complementares, que

¹² Marineau, R. F. (1992). Jacob Levi Moreno 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Ágora.

¹³ Gottlieb, L; Perazzo, S. Org. (2016). Psicodrama: apontamentos e criação. São Paulo: FiloCzar, 176.

¹⁴ Naffah Neto, Alfredo. (1997) Descolonizando o Imaginário. São Paulo: Plexus.

embora figurem em cenas e visualizações exercidas no imaginário, são produtos de vínculos vivos que objetivam conteúdos gravados na memória.

No atendimento, o cuidado foi o de considerar tanto as etapas do método (aquecimentos, dramatização e compartilhamento) como a introdução de recursos para liberar a espontaneidade, respeitando as fases da Matriz de Identidade:

- a) reconhecimento do EU pelo protagonista (com jogo de auto apresentação de si, do seu corpo, na infância);
- b) seguindo para a percepção além de si, a do outro (EU-TU) por meio de imagens simbólicas auto eleitas com características dadas a si e a seus complementares;
- c) evoluindo para a eleição de frases representativas da comunicação relacional entre ele e os outros (EU-ELES) -- forma como o protagonista se percebe e sente as relações em papéis para si conflitivos, nos quais se vê isolado.

A queixa do protagonista no seu autodiagnóstico, foi assim descrita:

- a) uma apatia nas interações, particularmente no seu papel de aluno de Psicologia, gerando impacto negativo no seu átomo social, de tal forma que a expansividade de sua rede não ocorria, mesmo assumindo novas frentes de atuação de estudo, prática e convívio;
- b) tinha capacidade para ouvir processar e compreender o contexto vivenciado, pois levava em conta a diversidade de seu conhecimento formal e vivencia profissional (âmbito nacional e internacional). Mas, questionava sua falta de habilidade para interagir com alguns de seus papéis complementares, para poder: expressar-se de diversas formas (ir além de poucas expressões faciais de aceite ou desagrado – comunicação não verbal), revelando o desejo de argumentar com coerência diante de situações para si conflitantes, promover autodefesa, atuar de forma positiva e não combativa, ser visto pela postura nem como isolado, nem como agressivo;
- c) “perdeu” na primeira infância a espontaneidade que lhe era natural quando os pais “o julgaram exibido”, passando a usar uma “capa de invisibilidade”. Sentimento que gera: “frustração”;
- d) usuário dessa capa de invisibilidade acreditava que “evitaria os prejuízos de se colocar”, de sofrer dor emocional “por incompreensão e não aceitação; de ser visto como portador de conhecimento insuficiente ou inadequado”;

- e) o protagonista se encontrava com excesso de peso (físico e emocional). Garganta bloqueada “como se tivesse uma corda apertando” (sensação), “com uma nuvem negra ao redor” (imagem interna).

Foi considerando também os fios que formam o tecido de sua particular realidade, como informada pelo protagonista, tais como:

- a) papéis sociais (professor, liderado pelo Diretor de sua escola, irmão, terapeuta em formação, estudante, mãe/pai dos filhos por separação do cônjuge);
- b) expressividade com dificuldade na comunicação verbal e não verbal (postura);
- c) preocupação com “julgamentos alheios”, imaginados sobre sua pessoa;
- d) desempenho: familiar, social, escolar, espiritual e profissional revelando papéis inadequados.

Atendimento com o Método Psicodramático On-Line

1. Aquecimento Específico

Para encontrar o foco da expressividade como comunicador – há que se considerar que o protagonista já vinha sendo aquecido para trabalhar com imagens anteriormente, no aquecimento inespecífico, portanto, não foi necessário utilizar grande variedade de recursos e objetos intermediários, sendo que na maior parte do tempo, trabalhou com sua própria memória e com o imaginário.

O “fio de Ariadne” -- que guiou o diretor psicodramatista pelo labirinto das ações e emoções do protagonista -- começou a se formar quando o protagonista pelo recurso da elaboração de imagem, se auto apresenta em desenho aos 7 (sete) anos de idade como uma criança de braços e pernas abertos para a vida, atuante, com tudo iluminado ao redor “como se tivesse um self inclusivo e evoluído” ... Informa que não se sente mais dessa forma. A imagem que surge resume o que não conseguia expressar.

Como o conjunto de papéis desempenhados possibilitam a exteriorização da personalidade no contexto interacional, o aquecimento do protagonista foi se aprofundando e passa a desvelar papéis e relações também pelo simbólico.

Para tanto, utilizou imagens de personagens internos representativos de como via a si e a seus complementares nos 4 (quatro) papéis que elegeu revisitar: 1. Liderado, em relação ao

seu papel de professor, com o diretor (líder) da escola onde trabalha; 2. Irmão com um dos dois irmãos que têm; 3 e 4. Atendente numa Casa Espírita *versus* dois companheiros de prática espiritual.

Revisitar papéis é importante porque:

O modo de ser, a identidade de um indivíduo decorre dos papéis que complementa ao longo de sua existência e de suas experiências, com as respostas obtidas na interação social, por papéis que complementam o seu.¹⁵

O cliente elegeu como complementares, personagens representativos de heróis, vilões, figuras de história em quadrinhos ou de gibis. Associou características as personagens que são significativamente representativas da forma de se colocar no mundo.

Personagens e suas características foram informando ao diretor psicodramatista a percepção que o protagonista tinha de si nos seus papéis escolhidos e de seus complementares. As características dadas a si mesmo foram positivas (alegre, saltitante, impulsivo, engraçado, “olhar holístico para a complexidade das relações” etc.). As características dadas aos seus papéis complementares eram de natureza variada (persistente, desengonçado, psicopata -- são algumas delas).

A seguir, foi solicitado ao protagonista que assumisse os papéis de seus complementares e verbalizasse frase por cada representante de papel complementar ao seu, resumindo as relações como estão hoje.

Seu corpo após as etapas descritas apresentava sensações concentradas no plexo solar, traduzidas na imagem de uma bola leve fluída, que se move... Essa fluidez e mobilidade com ausência de ansiedade, deu informação concreta ao diretor psicodramatista para prosseguir pela manifestação de um estado de espontaneidade presente, que facilita *insights* (compreensão) e possível transformação, catarse (libertação) em sua conduta.

2. Dramatização

Seguimos com múltiplas cenas. Primeiro o protagonista é motivado a reconstruir sua “capa de atuação real” que facilitava, a seu ver, sua invisibilidade, por meio de um psicodrama interno. Com total liberdade de ação e visualização das características para a nova capa a exemplo de cor, peso, tecido... Manifesta-se a abertura das portas sensoriais – corpo-mente-

¹⁵ Gonçalves, Camila Salles, Wolff, José Roberto & Almeida, Wilson Castello. Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. (1988) São Paulo: Ágora, 74.

ação – que se conectam. A nova capa construída passa a ter ressonância com o estado corporal do protagonista no “aqui-e-agora”, que além de multicolorida e leve, tem igualmente fluidez e movimento como seu plexo solar!

“Vestido” com a nova capa, relaxado fisicamente com provável reflexo nas suas crenças (conservas) e julgamentos, o protagonista passa a vivenciar cenas internas de natureza relacional, com expressividade para seus papéis complementares numa realidade suplementar, ampliada em relação ao que vivenciou até o momento.

Resulta dessas cenas a revisão das frases construídas para três dos quatro papéis eleitos originalmente (irmão e dois complementares companheiros de prática espiritual com distintas funções). Não altera as frases originalmente “ditas” em solilóquio¹⁶ por seus complementares para representar o vínculo, mas não há anestesiamento, falta de ação, há efetiva complementaridade. Exemplo: se a frase “dita” pelo irmão determinava “se soltar” -- e isso antes era visto pelo protagonista como uma atitude agressiva para com ele; agora, estava disposto a “se soltar dançando”.

Em relação aos papéis restantes (dos quatro escolhidos de início) – em específico o de professor liderado pelo Diretor da Escola -- decidiu atuar de forma distinta: em nova cena interna, faz um círculo ao redor de seu Líder, Diretor da Escola em que leciona (psicopata, como caracterizou) com todas as outras três personagens suas e papéis complementares já trabalhados. Além deles e também no círculo uma “sacerdotisa” que o representa (com olhar holístico para a complexidade das relações), para interagir com esse Líder “num campo energético sutil”.

O protagonista informa estar com a nova capa (chamada de protetora): primeiro “retirando energias densas existentes no Líder” depois “as existentes entre ambos”.

Ao final, em vez do costumeiro receio de se expor, interagiu se comunicando de forma assertiva (objetiva sem ser agressivo): rememorou junto ao Líder sua longa contribuição no papel de docente, “os muitos anos de reconhecido trabalho”; pelo feedback positivo recebido dos pais de seus alunos, exemplificou sua atuação, sua capacidade de perceber diferentes perfis e tendências pessoais, promover agregação no grupo de alunos, “ver o copo sempre meio cheio ao invés de meio vazio”.

¹⁶ Solilóquio: falar o que pensa e o que sente como se estivesse falando consigo mesmo.

O protagonista detalhou ainda, os meios criativos que utiliza para manter a atenção e a motivação dos alunos para que interajam em aula virtual – não fiquem omissos com suas câmeras e áudios fechados em decorrência da pandemia. Relembrou os resultados que obtém favorecendo a concretização do elevado conceito que a escola detém há mais de 50 cinquenta anos, traduzido no slogan: “atentos ao tipo de cidadão que vamos entregar para a sociedade”.

3. Compartilhar

Após ter reconhecido sua longa prática de trabalhar com a formação do ser humano no papel de docente, se declara confortável para atuar em futuro próximo no papel de psicoterapeuta (psicólogo) pois percebe que “não parte do zero nessa missão de alavancar o outro sob seus cuidados” e, se somos sempre melhores naquilo que praticamos mais, argumenta, está nesse caminho há mais de trinta anos.

Igualmente, reviu a memória indelével de ser julgado como “exibido” pelos pais, figuras primárias e significativas de sua história, se harmonizando com eles.

O corpo do protagonista após a dramatização no seu papel de liderado, compartilha que não tem mais a bola na região do plexo solar ou, como autodefine, na região de autopoder, agora exercido. Veste a capa que o “protege” e fortalece, para atuar sem anestesiamento. Decide que utilizará sua nova capa para atuar daqui por diante em sua realidade social.

4. Considerações Finais: Saindo do Labirinto

Na busca da reconexão da expressividade de comunicador, com papéis desempenhados, foi necessário ao protagonista, refazer o caminho até a origem do anestesiamento, que relembra a cena histórica com os pais, chave da trava existente.

Etapas trabalhadas:

- a) aquecimentos para a espontaneidade: baixar níveis de ansiedade e defesas até conseguir se comunicar, adaptar-se à realidade mutável por assunção de novos papéis;
- b) uso de recursos para promover novos insights pelas imagens (compreensão diferente da atual) estimulando a criatividade, proporcionando autonomia como comunicador que interage com os demais papéis: de professor, irmão, companheiro espiritual e particularmente o de liderado;

- c) expressões para desvelar questões nas interrelações como comunicador (refletidas em frases representativas dos papéis com inatividade);
- d) fazê-lo tomar consciência de si pelos efeitos físicos e emocionais na interrelação (EU-TU) que prejudicam seu status sociométrico, sua aceitação;
- e) proporcionar o imaginar, fantasiar de forma protegida suas novas interações (utilização do psicodrama interno -- ambiente privado de movimentação de fatos traduzidos em cenas no palco interno da imaginação); dando liberdade para tomar iniciativas e aceitar ou recusar estímulos que lhe fossem sugeridos nas atuações com os papéis complementares conflitivos;
- f) poder utilizar a potência de comunicador existente no papel de professor longamente exercido, também nos papéis que “eram conflitivos” (liderado, irmão, companheiro de fé);
- g) promoção de saúde ao EU pela espontaneidade, e reconexão do corpo que sente, pensa e se comunica de forma integrada em seus papéis.

Recursos utilizados resumidamente, no ambiente virtual (on-line):

- a) desenho elaborado de imagens internas do protagonista, com seu simbolismo: que dá as características de expressão no mundo, a si e aos seus papéis complementares;
- b) frases, como definição do “*status quo*” das relações no aqui-e-agora; reformuladas depois da dramatização;
- c) múltiplas cenas, com o psicodrama interno, interagindo com seus papéis complementares conflitivos intermediado pela potência da “sacerdotisa” imaginada.

Resultados

O protagonista reviu e ressignificou sua atuação, pode ampliar conhecimentos e autoconhecimento; dar respostas novas e adequadas nas suas inter-relações, por meio de positiva expressividade na forma de se colocar, formando uma unidade harmônica entre sua comunicação verbal e não-verbal.

Libertar-se da capa de invisibilidade para o comportamento atual de isolamento e inação no papel de comunicador e nos papéis sob reflexão. Obter redução da angústia existencial, facilitada pelas imagens de forma cooperativa -- ora criando (desenho na auto apresentação), ora simbolizando e/ou interpretando as imagens definidas para si e seus papéis complementares

-- foi se permitindo parar com o automatismo dos diálogos internos e externos repetidos e crenças decorrentes e, seguir para o terreno favorável de novos diálogos construídos pela autocompreensão, autoaceitação e consequente transformação (imagens e realidade suplementar) de dentro para fora.

Refletiram-se no corpo do protagonista concretamente as características da nova capa tecida nas dramatizações efetuadas. Vestido com a “nova capa protetora em substituição a de invisibilidade” pode atuar com seu papel mais conflitivo de liderado e exercitar o auto poder. Fortalecido na expressividade de comunicador antevê a harmonização e positivas concretizações futuras para seu papel de terapeuta como psicólogo em formação.

Deixa de ignorar suas sensações e dá nome ao que sente. O corpo reflete bem-estar, espontaneidade como ponte de cura em sentido amplo; luz que como coloca Moreno demonstra aonde estão os contornos sombrios, existência de paradigmas e conservas. Retoma para si a potência, o conceito concretizado na imagem de auto apresentação aos 7 (sete) anos: de ter “um self inclusivo e evoluído”.

Minha tese é que o locus do self está na espontaneidade... (...) quando a espontaneidade está a zero o self está a zero. Conforme declina a espontaneidade, murcha o self. Quando a espontaneidade cresce, o self se expande. Se for ilimitado o potencial da espontaneidade, o potencial do self é ilimitado. Uma é função do outro.¹⁷ (Moreno)

A multiplicidade de cenas ocorridas de forma protegida (psicodrama interno) possibilitou antever-se em novas interações e diálogos. O caminho resultou tanto na ressignificação de acontecimentos passados como possibilitou que o que é saudável no aqui e agora (competências, valores, motivadores) em papel desenvolvido (positivamente reconhecido de professor) ressoe nos papéis em desenvolvimento.

Frases definidas inicialmente representativas da interrelação com seus papéis complementares foram reformuladas, a saída do labirinto pela reconstrução da nova “capa”, com abertura às novas formas de se comunicar, através das imagens que nesses tempos de pandemia, no virtual, formam excelente recurso de trabalho.

Pode-se bem dizer que o psicodrama enriquece o paciente com uma experiência nova e alargada da realidade, uma “realidade suplementar” pluridimensional, um ganho que ressarce, pelo menos em parte, o sacrifício que ele teve que fazer durante o trabalho de produção psicodramática. (Moreno)¹⁸

¹⁷ Moreno, Jacob Levy. (1984) O Teatro da Espontaneidade. São Paulo: Summus.

¹⁸ Moreno J. L. Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. (1999) Campinas: Livro Pleno, 104.

Retomando questão colocada de início:

– Pela metodologia psicodramática é possível ressoar competências de um papel desenvolvido para outros em desenvolvimento? – Sim é possível, e especificamente neste caso, onde a competência reconhecida de comunicador no papel de docente passará a ser usada na de liderado; e ainda, no papel de facilitador nas aulas de Psicologia requerido ao protagonista depois desse encontro, com adequada desenvoltura como terapeuta no laboratório de práticas inerentes a essa formação.

Concluindo, essa metodologia efetivamente vai além do seu tempo, e abarca nesse momento de Pandemia a diversidade de papéis desempenhados, em situações novas que nos são apresentadas como psicodramatistas, pelos nossos complementares protagonistas, por permitir criar respostas espontâneas e adequadas em qualquer situação.

A questão da prática do método do Psicodrama, confirma que somos melhores no que praticamos mais e que a repetição no agir, desempenho de papéis, quebra conservas inadequadas, modifica posturas relacionais engessadas, liberando a espontaneidade, a criatividade, os fatores tele, adequação e a expressividade na comunicação, desde que o diretor psicodramatista, focalize a origem (matriz) do problema, favorecendo ao protagonista a compreensão do mesmo (insight) e a libertação (catarse), como foi trabalhado com o professor que carregou durante anos a capa da invisibilidade e construiu a nova capa protetora, num atendimento virtual.

Referências

- DIAS, Alcione Ribeiro. (2019) Pedagogía psicodramática y educacion consciente – mapa de um acionar educativo Maria Alicia Romana, Campo Grande, MS: Associação Entre Nós.
- GONÇALVES, Camila Salles, Wolff, José Roberto & Almeida, Wilson Castello. (1988) Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 74.
- GOTTIEB, L; Perazzo, S. (2016) Psicodrama: apontamentos e criação. São Paulo: FiloCzar, 176.
- KOSSOY, Boris. Fotografia & História. (2003) 2ª. Edição revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 115.
- LOVELOCK, C; Wirtz, J & HEMZO. M. (2011) Marketing de Serviços. São Paulo: Pearson Education.

- MARINEAU, R. F. (1992) Jacob Levi Moreno 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Àgora.
- MARTÍN, Eugenio Garrido. (1996) Psicologia do Encontro: J. L. Moreno. São Paulo: Àgora, 242.
- MORENO, Jacob Levy. (2006) Psicodrama (10ª. ed.). São Paulo: Ed. Cultrix.
- _____. Quem sobreviverá, Goiás: Dimensão Editora, volume 2, 150-151.
- _____. O Teatro da Espontaneidade. (1984) São Paulo: Summus.
- _____. Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. (1999) Campinas: Livro Pleno, 104.
- NAFFAH Neto, Alfredo. (1997) Descolonizando o Imaginário. São Paulo: Plexus
- PERAZZO, Sergio. (2018) Artigo O mito da cadeira vazia. São Paulo: Rev. bras. psicodrama vol.26 no.1 jan./jun.
- WEIL, Pierre. Leloup, Jean Yves & Crema, Roberto. (2014) Normose, a patologia da normalidade. Petrópolis: Vozes.